

A tatuagem de pássaro

Dunya Mikhail

Tradução
Beatriz Negreiros Gemignani

Tabla

*Qualquer semelhança com
a realidade de quem hoje vive entre nós
não é mera coincidência.*

9	Número 27
18	Metade da beleza de uma pessoa
40	O Lego
49	A tatuagem de pássaro
61	Vermelho
72	Quando a baleia engole a lua
91	A de amor
102	A última canção
112	A montanha-russa
129	Um mundo plano
146	A tela vazia
161	Na fortaleza
171	O Vilarejo dos Bem-Guiados
185	O assobio
201	Doidão
211	Filho do Daich
222	Quando ela fecha os olhos
243	A voz
256	As três senhas
269	A dança da dor
282	Depois do fim

Número 27

Os membros da organização já haviam tomado todos os pertences das prisioneiras, incluindo as alianças de ouro. Mas a aliança de Helin não era um anel, e sim uma tatuagem de pássaro. Com os olhos fixos em seus dedos, ouviu um deles chamar em voz alta: “27, número 27!”. No início Helin não sabia que aquele era seu número. Quando foi chamada outra vez, imaginou que o homem deve ter ficado bravo, pois ela saiu de seu lugar na fila e correu em direção a Amina. Não podia acreditar que sua melhor amiga de infância, Amina, estava logo ali do outro lado da sala. Amina, por sua vez, também ficou de boca aberta, incrédula. Mas o abraço choroso durou só alguns segundos, interrompido pelo anúncio da voz estridente: “27 vendido!”. Ele apontava para Helin com uma mão e com a outra segurava uma caixa de papelão repleta de celulares que pertenciam às prisioneiras. Amina gritou: “Deixe-a em paz!”, porém mal se pôde ouvir a voz dela em meio aos celulares que tocavam alto, todos, sem parar. As famílias preocupadas continuavam a ligar, sem serem atendidas.

Aquele homem de camisa preta estendida até os joelhos e calças acima dos tornozelos empurrou Amina com força, derubando-a no chão. Helin se inclinou para ajudá-la a se levantar, mas o homem a puxou violentamente pela mão, levando-a para outra sala. Jogou-a no chão e saiu, fechando a porta atrás de si. Outras mulheres estavam sentadas ali no chão, de cabeça baixa e portando um cartão numerado — como aqueles

planetas longínquos que não têm nome, só número. A única mulher que não tinha um número estava sentada à mesa. Ela entregou um papel a Helin e explicou: “Esta é sua certidão de casamento; seu marido já vai chegar”.

Helin devolveu o papel sem olhar para ele, dizendo: “Eu já sou casada”.

“Abu Tahsin comprou você pela internet e está vindo buscá-la”, retrucou a mulher.

Nunca em toda sua vida Helin ouvira falar de um mercado de mulheres. Se não estivesse vendo com os próprios olhos, não acreditaria que pudesse existir um, quaisquer que fossem o tempo e o lugar. O que a deixou ainda mais perplexa foi o fato de que o prédio do mercado era uma escola, chamada Flores de Mossul, como se lia na fachada. Lembrava a escola primária onde estudou com seu irmão gêmeo Azad. Nem mesmo a severa diretora, a sra. Ilram, poderia conceber a ideia de um mercado de mulheres. Segundo essa senhora, quem masca chiclete não tem modos; ela considerava isso inaceitável mesmo durante o intervalo. Quando pegou Azad mascando chiclete no pátio da escola, levou-o até seu escritório para ser punido. Azad, que adorava o chiclete da marca cujo logo é uma flecha, imaginava que o chiclete não era diferente dos outros doces que os demais alunos comiam no intervalo, sem serem punidos por isso. Azad estava assustado ao se sentar no escritório da sra. Ilram. Ele sabia que ela poderia bater em sua mão com a ponta afiada da régua, como a viu fazer com alguns alunos que chegaram atrasados, depois de soar o sinal. Os alunos deveriam estar sentados antes de a professora chegar, para que se levantassem em respeito a ela quando entrasse na sala. Porém, Azad notou, com surpresa, que a sra. Ilram sorriu ao final do interrogatório, quando soube quem havia lhe dado o chiclete. Ela disse: “Man-

de saudações a seu tio, o professor Murad, e diga-lhe que aqui o chiclete é proibido. Agora volte para a sala de aula”.

Nesta sala, parecida com o escritório da diretora, com sua mesa organizada, estava sentada a mulher sem número, ocupada em administrar a operação de venda das prisioneiras. “Vista estas roupas. O fotógrafo vem daqui a pouco”, disse ao entregar uma sacola a uma das prisioneiras. Helin ficou atônita com a notável contradição nas roupas que os membros da organização obrigavam as mulheres a vestir. Primeiro, elas devem colocar o nicabe preto que deixa só os olhos à mostra, mas depois têm que usar roupas indecentes para serem fotografadas e expostas à venda. O fotógrafo pediu a Helin que secasse suas lágrimas antes de fotografá-la.

Nas outras salas, os membros da organização usavam as mesas dos professores para monitorar a escolha dos jovens para o treinamento militar que era realizado no pátio frontal da escola. Naquele mesmo pátio, professores e alunos se reuniam às quintas de manhã para a prática de içar a bandeira. Agora, a organização içava sua bandeira preta em vez da bandeira do Iraque e bradava o hino do Estado Islâmico em vez do hino nacional.

Nos três últimos meses em que Helin passou em cativeiro, ela foi aos poucos entendendo as regras daquele mercado estranho. Quando alguém a levava à sala ao lado e a devolvia a seu lugar logo após tê-la estuprado, isso significava que ele a pegara só para uma diversão temporária, provando-a como um freguês prova um produto na feira. Mas, se alguém decidia comprá-la, então precisava pagar uma quantia à administração da organização de acordo com o contrato de compra carimbado pelo Estado. O leilão de Helin começava com 75 dólares, pois ela estava no registro dos trinta anos. O comprador podia

entregá-la a outro dentro do contrato de “locação”, concedendo-a temporariamente e depois tomando-a de volta. E ele também tinha o direito de devolvê-la ao mercado ou trocá-la por outra. Um dos que a havia comprado costumava vendê-la toda vez que precisava de dinheiro, pegando-a de volta em seguida; no fim, devolveu-a ao mercado, dizendo: “Esta grita quando dorme, talvez esteja possuída”.

Havia cerca de 120 mulheres reunidas no salão daquela escola em Mossul. Qualquer pessoa que entrasse ali poderia discernir quais mulheres haviam sido mais estupradas, pelo número de hematomas no corpo. Algumas tentavam se esconder atrás de outras, mas os guardas não deixavam nenhuma passar ilesa. De noite, após encerrarem os leilões, eles vinham e pegavam quem quisessem para uma diversão temporária. Empurravam as carteiras escolares de lado e as estupravam uma após a outra. Helin conheceu outras prisioneiras por meio dos olhares que trocavam durante o estupro. Elas conversavam pelo olhar e se entendiam pelas lágrimas. Certa vez, durante um estupro coletivo em plena luz do dia, uma das prisioneiras gritou: “Chega! Vocês deixariam alguém fazer isso com suas mães e irmãs?”.

Um deles a jogou contra a parede, abrindo um buraco. Seguiu-a outra mulher, gritando coisas incompreensíveis. Ela cuspiu nele. Helin a copiou, cuspiendo no homem ao seu lado. Outra prisioneira fez o mesmo. Cada prisioneira naquela sala cuspiu no homem que estava a seu alcance. Era um ataque de cuspe contra os estupradores. Os homens ficaram surpresos com essa reação em grupo. Bateram nelas com toda a força. No fim, o silêncio reinou na sala; parecia que eles estavam exaustos de bater nas prisioneiras, ou talvez se sentissem constrangidos. Partiram um atrás do outro, enquanto as prisioneiras trocavam olhares de encorajamento, como se dessem

tapinhas nos ombros maculados de feridas e dores. Algumas não puderam se mover por dias depois do ocorrido.

O silêncio era a terceira língua das prisioneiras, depois do árabe e do curdo. A prisioneira mais nova, Laila, tinha dez anos, e a única palavra em árabe que conhecia era *taftich* — inspeção —, que aprendeu ouvindo aquela mulher que toda vez que entrava na sala anunciava: “Taftich!”. Nessa hora, as mulheres formavam uma fila indiana, e a inspetora vasculhava dentro de suas roupas para se certificar de que não dispunham de nada afiado. Todo dia o número de inspeções aumentava, porque os casos de suicídio entre as prisioneiras chegaram a tal ponto que alarmou os membros da organização. Eles haviam fracassado em detectar o que as mulheres usavam para cortar os pulsos e interromper a vida.

Rihana tentou se enforcar com uma corda que encontrou no canto da sala. Aquela era a sala de esportes quando a escola era uma escola, e aquela corda era usada para brincar de pular corda. Uma das mulheres que pertencia à organização correu a seu encontro e conseguiu soltar a corda na hora certa. Salvou-lhe a vida e em seguida espancou-a com a mesma corda. Aquela era a inspetora que durante a primeira semana havia passado pelas prisioneiras perguntando: “Você é casada?” e “Qual a data de sua última menstruação?”. Uma das prisioneiras lhe respondeu, indagando: “Por que a pergunta?”, então outra gritou: “Por quê?”, e outra ainda mais alto: “Por quê?!”. A inspetora deu um passo para trás, exclamando: “Porque a lei do Estado proíbe a venda de mulheres grávidas!”.

Rihana supostamente deveria ser entregue de graça aos combatentes apenas para os trabalhos domésticos, segundo a lista

de preços estabelecida pela organização para quem ultrapassara os cinquenta anos. Mas o olhar partido com o qual retornava após ser levada por um deles revelava que alguns dos combatentes violavam as regras de sua organização. “Mama Rihana”, assim Laila passou a chamá-la desde aquela noite sombria na segunda semana de cativeiro, quando Laila retornou à sala nua, gemendo de dor e humilhação. Jogaram suas roupas atrás dela. Uma das prisioneiras as recolheu e a vestiu, dizendo: “Que o Senhor vingue esta menina e todas nós”. Ela disse em curdo para que a fiscal não entendesse. Como Rihana trabalhava na cozinha, apressou-se até Laila com um copo de água e permaneceu a noite toda acordada a seu lado. Laila abriu os olhos e viu Rihana passando um pano molhado em sua testa para tentar diminuir a febre que lhe ardia. Trocaram um olhar com uma mistura de gratidão e pesar. Rihana falava árabe e não entendia o curdo, por isso pedia ajuda a Helin para traduzir a conversa entre ela e Laila. Não sempre, mas nos momentos em que coincidia de nenhuma das três ter sido estuprada. Elas não tinham vontade de falar após serem estupradas. Entravam na sala em silêncio, só cortado pela saudação de um estuprador a outro, que chegava em dissonância, como uma risada num funeral.

Rihana soube pela tradução de Helin que Laila não via a família desde aquele dia em que sua mãe fez tranças em seus cabelos e elas partiram com as demais famílias do vilarejo em direção à montanha. Não conversaram mais porque todas sabiam o resto da história: como separaram os homens das mulheres, os adultos das crianças, e as meninas acima de nove anos do restante da família.

Certo dia Laila parou de vez de falar, até mesmo com Helin. Foi quando encontraram Rihana morta. Não havia em sua posse nem objeto afiado, nem corda. Não souberam como ela

morrera. “A tristeza a matou”, disse uma das prisioneiras. As lágrimas rolavam copiosas pelas bochechas de Laila. Helin a colocou no colo, chorando também. Manteve-a no colo o máximo que pôde, apesar da dor nas costas por causa da surra que levava de Abu Tahsin. Ele já a havia comprado e devolvido. Helin começou a refazer as tranças nos cabelos de Laila enquanto recordava Abu Tahsin levando-a para sua casa em Aleppo, e ela vomitando nele durante o sexo. Ela havia se sentido enjoada no caminho, tanto que vomitou logo ao chegar à casa dele. Ele bateu nas costas de Helin com um bastão até ela desmaiar, só recobrando os sentidos quando estava no hospital, com soro na veia. A enfermeira lhe entregou um comprimido com um copo de água e perguntou: “Como você está?”. Helin caiu no choro e respondeu: “Eu não sou daqui. Por favor, me ajude a voltar para minha família no Iraque”.

A enfermeira olhou para a direita e para a esquerda, e murmurou: “Como eu posso ajudar?”.

“Só me tire daqui, me leve até a rua.”

“Desculpe, não posso fazer isso. Você quer falar com sua família por telefone para pedir ajuda?”

“Sim, Deus a proteja.”

“Vou trazer meu celular durante o intervalo.”

A enfermeira olhou para o relógio, acrescentando: “Daqui a uma hora e meia”.

Helin ouviu o barulho de uma explosão ao longe, enquanto contava os noventa minutos e tentava se lembrar de algum número que soubesse para dar à enfermeira. Sem dúvida haviam tomado o telefone de Elias, porque ele não atendia às ligações dela desde que fora preso; Amina também era prisioneira, seu telefone estava naquela caixa na qual haviam recolhido todos os celulares. Ela não sabia mais nenhum número.

A enfermeira tirou o telefone do bolso lentamente, olhando para as camas dos pacientes ao redor, como se puxasse um revólver. Disse para Helin: “Vou deixá-lo com você por cinco minutos e já volto”.

“Por favor, espere. Eu não sei nenhum número de cor. Você sabe como ligar para o Iraque daqui?”

“Ah, não sei. Então mais tarde. Vou averiguar”, respondeu a enfermeira e colocou o celular de volta no bolso.

No mesmo instante, uma médica entrou no saguão, indo em direção à cama de Helin. Ela puxou um papel afixado numa prancheta na cama. Leu e disse: “Você já pode sair”.

“Posso ficar mais uma noite?”, Helin perguntou.

“Não há necessidade”, respondeu a médica. “Há feridos a caminho e não temos leitos suficientes no hospital.”

Helin desceu da cama, relutante. A enfermeira a acompanhou até a recepção, onde ela encontrou Abu Tahsin à sua espera. Helin ficou paralisada quando o viu caminhando em sua direção. A enfermeira disse: “Espere, vou escrever meu número, caso tenha alguma dúvida”.

Abu Tahsin a ouviu e retrucou: “Não, ela não terá nenhuma dúvida. Ela vai embora daqui de volta para seu país”.

“É mesmo?”, perguntou a enfermeira.

Abu Tahsin deu as costas à enfermeira e indicou com a mão que Helin saísse com ele. Antes de atravessar a porta até a rua, Helin olhou para trás e viu que a enfermeira ainda estava lá, de pé, com o olhar fixo em sua direção.

Abu Tahsin parou um táxi e esperou que Helin entrasse no banco detrás para ir se sentar ao lado do motorista. Talvez tivesse receio de que ela vomitasse nele outra vez. Helin se perguntou se ele iria mesmo devolvê-la a seu país, como havia dito para a enfermeira. Após uns quinze minutos, ela ouviu o

motorista mencionar algumas obras na estrada para Mossul, então a esperança se iluminou dentro dela, como uma lâmpada num quarto escuro. Isso significava que ela estava mesmo indo para Mossul, e não para a casa dele em Aleppo.

A viagem até Mossul levou umas dez horas. Helin notou o cartaz anunciando que a rodovia se chamava agora “Estrada do Califado”. Enfim, o motorista parou em frente ao prédio da escola-leilão, a mesma onde Abu Tahsin a comprara. Ele a devolveria à mesma prisão? Mesmo assim, ela suspirou aliviada: ao menos reveria as outras prisioneiras, ainda que temporariamente, até ser vendida outra vez. Ou, quem sabe, ocorresse um milagre dos céus e ela conseguisse retornar para casa. Helin precisaria de um milagre para sentir novamente o cheiro de sua família.

“Esta aqui está doente e não me serve”, disse Abu Tahsin ao guarda no pátio frontal da escola.

O guarda ofereceu trocá-la por outra, mas Abu Tahsin escolheu receber seu dinheiro de volta.

No mesmo dia em que Rihana morreu, colocaram Helin à venda novamente. O pátio da escola estava tumultuado com clientes de barba bem comprida, como se tivessem acabado de sair de cavernas da Antiguidade. Helin vasculhou o rosto das outras prisioneiras na esperança de reencontrar Amina. Será que algum deles havia comprado sua amiga querida? Era o que Helin se perguntava quando notou um homem enorme vindo em sua direção. Abaixou a cabeça para evitá-lo.